

# BJIR

Brazilian Journal of  
International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Quadrimestral | volume 3 | edição nº 2 | 2014

*Do Discurso à Prática: A Noção de  
Cidade Global e as Novas Agendas  
Urbanas Africanas*

*Monise Raquel Valente da Silva*

 **Igepri**  
Instituto de Gestão Pública e  
Relações Internacionais

 **unesp**  
Universidade Estadual Paulista  
"Júlio de Mesquita Filho"

*A Brazilian Journal Of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),  
EBSCO Publishing e Latindex*

## DO DISCURSO À PRÁTICA: A NOÇÃO DE CIDADE GLOBAL E AS NOVAS AGENDAS URBANAS AFRICANAS<sup>1</sup>

Monise Raquel Valente Da silva<sup>2</sup>

**Resumo:** As modificações espaciais resultantes do fenômeno do capitalismo global se refletem nas cidades e nas agendas governamentais a partir de novas e mais complexas formas de produção e apropriação dos espaços urbanos. As variáveis da relação entre as cidades e o fenômeno global são materializadas em dinâmicas distintas, apostando, sobretudo, no crescimento econômico e na competitividade internacional. A busca por papéis globais de maior relevância e competitividade internacional em termos de investimentos e recebimento de fluxos financeiros faz da noção de “cidade global” mais que um mero elemento discursivo. O presente artigo traz o foco para a realidade urbana do Sul Global, tratando do cenário africano de maneira especial e observando as agendas urbanas de algumas de suas principais cidades. Por meio destas buscamos demonstrar como o conceito de cidade global e os moldes que direcionam os governos africanos são mais que simples instrumentos de um discurso, se constituindo, sobretudo, como pontos de referência às práticas e políticas de configuração dos espaços urbanos. O artigo chama atenção, ainda, à contradição dos projetos de aspiração global, que opõem as dinâmicas de conexão à conformação da fragmentação urbana e desigualdade sócio-espacial, estabelecendo-se de maneira particular nas cidades africanas.

**Palavras-chave:** Cidade-global, agendas urbanas, África.

## FROM DISCOURSE TO PRACTICE: THE NOTION OF GLOBAL CITY AND THE NEW AFRICAN URBAN AGENDA

**Abstract:** The spatial changes resulting from the globalization phenomenon are reflected in cities and government urban agendas as new and more complex forms of production and appropriation of urban spaces. The variables of the relationship between cities and the global phenomenon are embodied in distinct dynamics, focusing mainly on economic growth and international competitiveness. The search for a more relevant part at the global scenario and for international competitiveness in terms of investments and financial flows, makes the notion of "global city" more than a mere discursive element. This article aims to bring our attention to the urban reality of the Global South, focusing specifically at the African scenario and at the urban projects of some of its main cities, in order to demonstrate how the concept of global city that guides African governments is more than a mere discursive instrument, figuring as reference points to practices and policies for the configuration of urban spaces. The article also draws attention to the contradiction of these “global projects”, reflecting about the opposition of their dynamics of global connection and the conformation of urban fragmentation and sociospatial inequality, specially represented by some of the african cities here presented.

**Keywords:** Global City; Urban Agenda; Africa.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IV Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP).

<sup>2</sup> Mestre em Relações Internacionais pela PUC-RJ. E-mail para contato: monisevalente@gmail.com

## **Introdução**

O século XXI é um século urbano. O fenômeno de emergência e crescimento das cidades se apresenta em escala global, tendo aumentado significativamente com a virada do século e o crescente desenvolvimento de conglomerados populacionais. A formação de um “planeta urbano” é entendida no presente trabalho em relação direta a outro fenômeno marcante das últimas décadas, a globalização. O fenômeno da globalização é aqui observado a partir das perspectivas espaciais críticas, que o relaciona aos processos de adaptação e expansão das relações de produção capitalistas na contemporaneidade.

Conforme aponta a teoria crítica urbana, a globalização amplia a escala do urbano, conformando uma nova geografia mundial, na qual as cidades passam a operar de forma intensa e relevante como parte de um sistema cada vez mais integrado, dentro e ao longo do espaço e seus limites políticos, em nível nacional, regional e global. As implicações deste fenômeno, que modifica relações sociais, políticas e econômicas globalmente, se refletem nas cidades e em sua realidade a partir de novas e mais complexas formas de produção e apropriação dos espaços urbanos. As variáveis da relação entre as cidades e o fenômeno global são materializadas em dinâmicas distintas, apostando, sobretudo, no crescimento econômico e na competitividade internacional.

O fenômeno de explosão urbana atual é característico especialmente do cenário do Sul Global. Identificadas como realidades contraditórias de oportunidades e precariedades, associadas comumente a países ditos “subdesenvolvidos” ou “em desenvolvimento”, as cidades do Sul Global são tomadas aqui como a face extrema da explosão urbana frente às forças de expansão do capitalismo na contemporaneidade. Elas expressam, simultaneamente, uma dinâmica centrífuga de adaptação capitalista em termos espaciais, e uma força centrípeta de atração e concentração de recursos em determinados enclaves, fortalecendo as dinâmicas de desenvolvimento geográfico desigual não só entre as cidades, mas também dentro delas.

No esforço por tratar das dinâmicas sócio espaciais das cidades do Sul Global, o cenário africano é tomado como foco principal. A conexão do urbano ao fenômeno da globalização, e a forma singular e intensa como essas conexões se articulam e relacionam no cenário urbano africano, reforça a questão urbana em países do Sul Global como tema essencial de economia política internacional, e do campo das Relações Internacionais em si. O estudo destas cidades, no contexto da globalização, aparece como uma oportunidade

de chamar atenção para a relevância espacial nas Relações Internacionais, assim como de forjar uma flexibilização em sua dimensão analítica, a partir da percepção multidimensional do espaço internacional. Esse movimento responde, em certa medida, à demanda pelo enfrentamento dos limites espaço-temporais das Relações Internacionais, apontada por Rob Walker (1995) como crucial para o entendimento de questões contemporâneas, como a globalização.

Sem a intenção de criar generalidades, classificar ou identificar características comuns às distintas experiências urbanas do continente africano - ou mesmo do Sul Global - destacaremos as experiências de três cidades africanas. Para fins analíticos, portanto, destacamos as experiências das seguintes cidades: Lagos, na Nigéria; Nairóbi, capital do Quênia; e Acra, capital de Gana. As três cidades carregam o posto de mais populosas de seus respectivos países, figurando ainda como seus principais pólos corporativos, culturais, econômicos, financeiros e políticos.

Estas cidades figuram como retratos da explosão da metrópole em uma morfologia hipertrofiada, articulada sob a forma de grandes periferias e enclaves, berço de dinâmicas intensas de acumulação, desigualdade e fragmentação sócio espacial urbanas. São realidades marcadas por processos subjacentes comuns, marcados pela mobilização de uma forte agenda de modernização e pela busca de um melhor posicionamento e projeção urbana em termos globais, assim como pela contraditoriedade da articulação desta nova agenda às sua herança histórica e realidade urbana atual. Em maior ou menor medida, Lagos, Nairóbi e Acra apresentam discursos e projetos que giram em torno de investimentos em larga escala, com enfoque na formação de espaços para a atração de capital, estímulo ao turismo e busca pela ascensão ao posto de cidade global, nos moldes de grandes centros urbanos do ocidente.

A noção de cidade global se converte, neste contexto, em projeto político, ditando os moldes de organização, planejamento e configuração sócio-espaciais dos principais centros urbanos do continente. O presente artigo tem como objetivo demonstrar como o conceito de cidade global e os moldes que direcionam os governos africanos são, portanto, mais que instrumentos de um discurso. Eles se constituem, sobretudo, como pontos de referência às práticas e políticas de configuração dos espaços urbanos. O artigo chama atenção, ainda, à contradição dos projetos de ascensão global, que opõem as dinâmicas de conexão à conformação da fragmentação urbana e da desigualdade sócio-espacial, figurando de maneira particular nas cidades africanas.

## **O capitalismo global e o papel das cidades: um novo enfoque sobre o Sul Global**

Frente a um amplo debate acerca da definição, do caráter e aspectos que envolvem a noção de globalização, compreendemo-la como um fenômeno relacionado diretamente aos processos de adaptação e expansão das relações de produção capitalistas na contemporaneidade. Quando falamos de globalização nos referimos a um novo momento de configuração de um mesmo processo implícito de produção capitalista do espaço, e da busca incessante pela acumulação de capital das dinâmicas capitalistas. Seu fenômeno simultâneo e contraditório, de expansão e fixação territorial, se dá de maneira contínua, forjando um movimento de “ajustes espaciais” (HARVEY, 2000) que abarca, reconfigura e produz espaços capazes de garantir a sobrevivência e perpetuação das dinâmicas do capital.

O longo processo de expansão do nexos capitalista em termos globais é o que entendemos, portanto, como capitalismo global ou globalização. Conforme explica Gill (2000), o agente disciplinador do espaço, no contexto globalizado, é o mercado. Ligado a um sistema de economia-política dominante, o mercado estabelece imposições micro e macroeconômicas à esfera social, relacionadas intimamente às iniciativas políticas e constitucionais de caráter financeiro e monetário. Estas iniciativas têm como objetivo fornecer sustentação, tanto na esfera estatal quanto da sociedade civil, ao poder do capital, de forma a estabelecer seus ganhos em escala mundial.

Se cada sociedade produz seu próprio espaço, então o capitalismo global atual também se reflete na dimensão espacial, e é por ele afetado. Isso não implica necessariamente em um rompimento com as formas espaciais anteriores, mas é um processo que afeta visivelmente os espaços, de forma cada vez mais relevante (MARCUSE e KEMPEN, 2010). A mudança fundamental do fenômeno da globalização começa a tomar forma a partir da década de 1970, tendo como um de seus principais marcos a profunda crise que atingiu o mundo neste período.

Se os momentos de crise capitalista são marcadas pela oportunidade e necessidade de repensar as formas de expansão e reprodução sócio espacial ou geoeconômica capitalista, a crise da década de 1970 abre as portas para sua profunda reorganização. Formando um modelo de acumulação inteiramente novo, o capitalismo rompe com um modelo fordista-keynesiano marcado pela rigidez de processos e políticas de assistencialismo, considerados incapazes de absorver as demandas geradas pelo capital.

As bases de sustentação deste novo modo de produção encontram-se associadas, ainda, ao conjunto de medidas de caráter neoliberal instaurados globalmente no final da década de 1980. No cerne destas medidas encontrava-se a intenção de romper com os componentes institucionais básicos do pós-guerra e mobilizar uma série de políticas de ampliação da disciplina de mercado, assim como estimular a competição e a mercantilização ao longo de todos os setores da sociedade (BRENNER e THEODORE, 2002).

A fase atual de reestruturação econômica colocou em movimento uma grande transformação na divisão internacional do trabalho, que acabou por elevar as novas dinâmicas urbanas a uma escala global. Na busca pela criação de espaços fixos que atendam ao capital, as dinâmicas de ajuste espacial do capitalismo global encontram na dimensão urbana uma de suas principais esferas de fixação e desenvolvimento. Conforme explicam Murray e Myers (2006), esta nova fase redefine os papéis funcionais das cidades em termos de ligações transnacionais, e em seu próprio papel na divisão internacional do trabalho.

Se, por um lado, o capitalismo global produziu um espaço abstrato mercantilizado, que é reflexo do mundo dos negócios, de seus fluxos globais e suas relações políticas articuladas territorialmente, por outro, este espaço depende de grandes centros de produção, de vastas redes bancárias, assim como de infraestruturas especializadas de transporte, comunicação e informação. Transcendendo o quadro exclusivo dos Estados Nacionais, o capitalismo global reconfigura, portanto, as dimensões de autoridade, controle e soberania estatal sobre territórios nacionais, com a abertura maior para esferas regionais e municipais.

Conforme explica Sassen (2010) a globalização (re)escala lugares estratégicos em um novo sistema, de caráter multiescalar, que habita parcialmente territórios e instituições nacionais. Este novo caráter

(...) proporciona uma ponte analítica entre a escala global, ainda uma noção nebulosa, e o conceito mais familiar do local, em termos da cidade ou da comunidade de imigrantes (...) trazendo assim parcialmente a noção vaga do global à noção mais concreta de rede de lugares (SASSEN, 2010, p. 17).

A nova posição das metrópoles e centros urbanos no contexto globalizado não significa, portanto, a mudança em seu caráter de centralidade econômica, mas sua re-significação no sistema produtivo internacional (CARVALHO, 2000). Nesse contexto, se

destaca a importância de um posicionamento estratégico global também por parte das cidades, que logo se apropriam de novas estratégias urbanas, com vistas ao crescimento econômico e a um melhor posicionamento no circuito urbano mundial. Este momento abarca também a produção do espaço para o capital via “empreendedorismo urbano”, e o aumento do envolvimento do setor privado, em substituição às práticas urbanísticas de domínio exclusivo do Estado.

A adoção de um novo modelo de gestão de cidades, em detrimento do planejamento urbano tradicional, reforça a postura competitiva e estratégica que as cidades passam a exercer. Este novo posicionamento global vem acompanhado, ainda, de uma dinâmica predatória, expressa na formação de intensas rivalidades entre cidades na busca por um lugar favorável na economia mundial, com maior vantagem competitiva e atração de investimentos. Assim, conforme afirma Sánchez et al (2004, p.41), a dimensão urbana passa a ser repensada e relida no contexto global pela lógica da “forma-mercadoria”. As cidades incorporam tendências do fenômeno da globalização por meio de elementos produzidos com o intuito de ampliar seu posicionamento em um circuito mundial de valorização das cidades, por meio da adequação de suas formas de gestão e produção de seus espaços.

Ao observar as tendências de urbanização nas últimas décadas, vemos um fenômeno urbano contemporâneo marcado, predominantemente, pelas dinâmicas de formação e crescimento das cidades do Sul Global. Segundo explica Boaventura de Souza Santos (2008), é a relação entre inclusão e exclusão que determina se um país pertence ao Sul ou ao Norte, ou seja, ao centro ou à periferia do sistema capitalista global. Assim, os países onde a integração à economia mundial se processou, predominantemente, pela exclusão, são os países considerados parte do Sul Global, ou da periferia do sistema mundial. Esta região, representada por países comumente associados a economias “em desenvolvimento”, vem constituindo novas dinâmicas de articulação econômica em nível global – de nível Norte-Sul e cada vez mais Sul-Sul. Seu cenário urbano é marcado por taxas de crescimento impactantes e mesmo vertiginosas, conformando conglomerados urbanos com dinâmicas intensas e contraditórias em termos de oportunidades, desigualdade e mobilidade social.

Analisadas sob as lentes da modernidade ou do desenvolvimentismo (ROBINSON, 2011) as cidades do Sul foram e ainda são vistas como lugares anacrônicos, que não se encaixam propriamente nos mapas e categorias das cidades ocidentais. São apresentadas,

comumente, como espaços atrasados e não modernos, nos quais a melhoria na capacidade de governança, produtividade, infraestrutura e provisão de serviços é uma necessidade latente. Esse enfoque parece conformar uma verdadeira dicotomia entre as cidades do “lado negro” e aquelas do “ocidente”, estabelecendo categorias de análise e estudo dos processos urbanos nas quais as diferenças estruturais das cidades do Sul Global parecem não se encaixar. Segundo Robinson (2002), esta dicotomia se daria pela existência de uma “geografia” das teorias de análise urbana, localizada nas experiências ocidentais e suas histórias intelectuais, gerando um movimento segregador e mesmo subordinador em relação a experiências não ocidentais.

Atentar para o caráter limitador destas categorias, que permeiam não só o imaginário mundial como as perspectivas de análise das cidades de países em desenvolvimento, é importante para retirar a região da obscuridade do debate urbano contemporâneo, e romper com as limitações das análises tradicionais de sua experiência urbana. Fugindo do dualismo das análises normativas e tradicionais do espaço urbano do Sul Global, consideramos a experiência urbana desta região como diretamente interligada a contextos de poder e riqueza em outros países, inseridas em esquemas globais amplos e complexos.

Os novos fluxos, práticas e recursos advindos do movimento globalizante transpassam e envolvem também as cidades do Sul Global, que acomodam esta nova realidade junto a um legado social, cultural e histórico particular. A inserção do fenômeno urbano do Sul no contexto de novas geografias globais nos permite conferi-las importância não só no estudo da globalização, mas como objeto de análise em si. Cabe analisar estas cidades, portanto, para além de sua representação simplista, que as apresenta como sinônimos de caos e marginalização uniforme. Conforme Shatkin (1998, p. 378, tradução nossa) sugere em sua obra:

(...) ao invés de tratar a experiência das cidades em países menos desenvolvidos como uma nota de rodapé infeliz no fenômeno da globalização e reestruturação econômica, o papel destas cidades no processo de acumulação de capital e o impacto da globalização em seu desenvolvimento deveriam ser um tópico de pesquisa e debate.

Assim, partimos do pressuposto da existência de uma dualidade, e não de um dualismo, entre as experiências dos países considerados “desenvolvidos” e aqueles ditos “em desenvolvimento” (ROBINSON, 2011), que permitem uma compreensão adequada dos processos de urbanização e contexto de intensidades das cidades do Sul, assim como

das formas sob as quais os espaços destas cidades são apreendidos e modificados no contexto globalizante atual.

O Sul Global é tomado aqui, portanto, como um “objeto” em estruturação e disputa, que representa, em suas dinâmicas de reestruturação urbana e na conformação de novas agendas em torno de seus espaços, o novo caráter de mudança geoespacial da globalização capitalista. Assim, as cidades do Sul Global possuem relevância e complexidades que exigem um olhar analítico particular, que permita destacar e observar seus espaços frente aos fenômenos contraditórios de integração global e desenvolvimento desigual, de globalização e fragmentação sócio espacial no contexto capitalista.

### **A noção de cidade global**

A noção de cidade global é um conceito atual, que ganha relevância especialmente nas últimas décadas, a partir dos trabalhos de autores como Peter Hall (1984) e Saskia Sassen (2000; 2000a; 2002). O termo tem sua origem diretamente relacionada ao fenômeno da globalização capitalista, aos seus impactos nas principais cidades mundiais e ao novo caráter adquirido pelos centros urbanos neste contexto, conforme apontado anteriormente.

Indo além das funções estabelecidas há longa data, as cidades globais redefinem o papel das cidades no contexto internacional. Elas passam a se constituir como eixos centrais, tanto de conexão de economias locais e regionais a processos e fluxos globais, quanto de organização da economia capitalista globalizada. Seus espaços se constituem, ainda, como locais e mercados chave para o fornecimento de serviço especializado e financeiro às principais indústrias globais.

Segundo Sassen (2000a, p. 84), portanto, as cidades globais são

(...) cidades para manutenção e financiamento do comércio internacional, de investimentos e sedes operacionais - onde quer que estes possam estar localizados. (...) A multiplicidade de atividades especializadas em cidades globais são cruciais na valorização - na verdade supervalorização - dos principais setores do capital atualmente. Nesse sentido, elas são locais de produção estratégicos para os principais setores econômicos atuais.

As cidades globais não se constituem de maneira isolada. Se valendo dos avanços tecnológicos e informacionais, seus espaços encontram-se interligados por meio de redes de conexão, em torno das dinâmicas de globalização econômica. Estas redes se articulam de maneira transnacional, formando circuitos globais que não são em si fenômenos

completamente novos, mas que na contemporaneidade são marcados pela multiplicidade, complexidade, intensidade e alcance com que se apresentam.

Uma vez que nem todos os recursos necessários às atividades econômicas globais se estabelecem de maneira fluida, e com características de hipermobilidade, os processos de fixação de seus fluxos e processos em lugares estratégicos no sistema capitalista globalizado acabam por criar uma hierarquia global de cidades. Nesta hierarquia, as cidades globais aparecem em posição de vantagem competitiva, configurando-se como os centros de maior possibilidade e capacidade de recebimento, articulação e coordenação de atividades complexas em escala global.

Essa hierarquia entre espaços urbanos é ilustrada pela emergência do próprio conceito de cidade global, que surge em torno das cidades de Nova Iorque, Tóquio e Londres. Da observação das características comuns a estas cidades perante os impactos da globalização foi definido o tipo ideal, em sentido weberiano, de cidade global. Segundo explica Carvalho (2000), a partir da especificidade histórica destas cidades foi definido o que poderia ser considerado global em outras cidades. Essa condição expressa um constrangimento geográfico do conceito, que abarca exclusivamente as transformações do Norte, separando suas cidades daquelas consideradas não funcionais ou incapazes de se integrar da mesma forma globalmente.

Expressando esta divisão, junto de outras cidades do chamado “Primeiro Mundo”, como Paris, Los Angeles e Hong Kong, as cidades de Nova Iorque, Tóquio e Londres são consideradas referenciais de cidades globais de “primeira classe”. Cidades associadas ao Sul Global, como São Paulo, Buenos Aires e Jacarta, por exemplo, também são apresentadas como cidades globais, figurando, entretanto, em um patamar inferior em termos de espaço de oportunidade e de conexões globais.

Um grande hiato separa as realidades das cidades de “segunda classe” daqueles cenários urbanos que não atingem os requisitos considerados mais apropriados à materialização dos interesses do capitalismo global, e abarcados pelo conceito de cidade global. Mesmo dentre as cidades do Sul Global, essa lacuna é percebida de forma marcante, se expressando especialmente em termos de infraestrutura e condições de vida de seus cidadãos.

Em meio a dois grandes discursos excludentes – o desenvolvimentista, que aborda as falhas estruturais do Sul Global, e uma visão de cidade global focada principalmente em modelos urbanos de países ditos desenvolvidos – o cenário urbano do Sul é comumente

negligenciado nos estudos da globalização, por se distanciar mais fortemente de realidades de influência globais. O cenário anômalo observado mesmo entre as cidades globais do mundo “desenvolvido”, assim como a grande explosão da parcela urbana em países do Sul, apontam, segundo Dawson e Edwards (2004), para a inadequação das tentativas de teorização da globalização com foco único em cidades do Norte Global.

Dentre os impactos da globalização em cidades e sistemas urbanos do Sul, que incluem a emergência de novos polos de crescimento e o aumento da relevância de antigas aglomerações urbanas, destaca-se o fortalecimento dos laços de seus maiores centros financeiros e de negócios com mercados e núcleos de oportunidades globais. As forças e fluxos globais incluem também, portanto, cidades de países considerados marginais ao sistema. Esta realidade aproxima as cidades do Sul dos maiores polos estratégicos mundiais, conformando o que Sassen (2010) chama de uma “nova geografia de centros e margens”.

Assim, mesmo que grande parte das cidades do Sul se encontre “fora do mapa” (ROBINSON, 2002) dos principais estudos e teorizações da questão urbana no mundo globalizado, elas figuram também como espaços de articulação, localização e organização de processos globais, de manifestação de suas dinâmicas de disputa e conflito sócio espacial. Seus espaços cumprem importantes papéis como hubs financeiros e industriais, de comércio e serviços especializados em nível regional, criando uma categoria de cidade que não se encaixa propriamente em nenhum dos discursos apontados anteriormente (HAMILTON, 2006).

Com o estabelecimento de um referencial elevado e valorizado em termos econômicos, políticos, culturais e sociais, a busca por um lugar de destaque no circuito global de cidades – e do status de “cidade global” em si – passa a ser um dos objetivos mais almejados por líderes políticos e grupos de interesses econômicos urbanos. A aproximação de um modelo ideal de cidade global aparece como uma espécie de determinante da capacidade, ou não, de superação de problemas urbanos.

A realidade das cidades do Sul Global faz da busca pelo status global uma constante mais facilmente perceptível, uma vez que sua adequação a um modelo de “cidade global” requer o enfrentamento de desafios diferenciados, especialmente em termos sócio-econômicos. Na realidade africana estes desafios se apresentam de forma ainda mais marcante, levantando um debate importante acerca dos impactos da ambição

global em termos de fragmentação do espaço das cidades, assim como da apropriação e transformação dos espaços pelo capital internacional.

### **O contexto africano e as novas agendas urbanas no continente**

Como espaços essenciais de articulação de fluxos e processos globais no cenário africano, o planejamento, gestão e os projetos de reestruturação das principais cidades do continente respondem a uma noção de produção espacial baseada em lógicas de mercantilização e empresariamento urbano, com vistas ao aumento de sua competitividade e à promoção urbana em um circuito mundial.

Com a descolonização do continente, a globalização e a formação de uma hierarquia global de cidades, as principais cidades africanas vêm sendo impulsionadas a construir e reconstruir seus espaços, com o intuito de transformarem-se em novos vetores políticos e mercantis, de fluxos e processos de neoliberalização e financeirização do capitalismo global. Da mesma forma, a gestão destas cidades é movida por estratégias de modernização que ressaltam a importância de revitalizar suas infraestruturas, de maneira a fazer de suas economias urbanas cenários mais atraentes, figurando como espaços eficientes e condizentes com a acumulação de capital e geração de riqueza.

Ao localizar as cidades africanas no contexto globalizado, fica evidente que elas enfrentam problemas similares aos de outras cidades mundiais, ligados à fragmentação urbana e desigualdades sócio espaciais. Na hierarquia mundial das cidades, entretanto, a implicação de ser uma cidade do Sul é ampliada no cenário africano. Se as cidades do Sul Global aparecem em posição de excepcionalidade frente às análises tradicionais do urbano, a realidade africana é um dos casos mais acentuados de associação a uma ideia de subdesenvolvimento, atraso e estagnação, especialmente frente a padrões ocidentais de organização e racionalidade urbanas, políticas e socioeconômicas.

Tratar de cidades africanas significa enfrentar o estigma do “continente negro”, e um senso comum que as enxerga como cenários nos quais a tradição e os costumes se sobrepõem à autoridade racional-legal, as lealdades tribais são permanentes, crenças folclóricas superam o bom senso, e os novos governos são altamente associados a dinâmicas de corrupção, patronagem e má governança de temas urbanos (MURRAY e MYERS, 2006). Fugir dos estereótipos negativos, entretanto, não significa ignorar as

dinâmicas de desigualdade que se formam em seus territórios, ou as transformações dos cenários urbanos africanos em sua relação com fluxos globais.

Ainda que diferentes entre si, as experiências das principais cidades africanas se aproximam e se destacam, especialmente, pela intensidade com a qual elas têm que lidar com dinâmicas de informalidade, altos índices de pobreza, violência e grandes demandas por serviços e infraestrutura urbana. Combinadas com suas trajetórias histórico-políticas e uma herança colonial ainda recente, esta realidade traz implicações diferenciadas, que afetam suas formas de interação com os fenômenos da globalização.

Ao reconhecer suas diferenças, entretanto, cabe observar também que estas cidades apresentam processos subjacentes, e estão sujeitas a caracterizações e imaginários comuns que influenciam tanto seus processos político-econômicos quanto as análises do espaço urbano no continente. Na compreensão das complexidades da experiência urbana africana, a conexão dos processos contínuos de urbanização no continente com a fase atual da globalização capitalista é uma questão essencial. É desnecessário dizer que, como parte de um fenômeno global, não há cidade na África que não tenha sido de alguma maneira afetada pelas dinâmicas do capitalismo global.

Apesar de não se apresentarem em um mesmo patamar que aquelas cidades do Sul com maiores funções e conexões globais, como Cidade do México e São Paulo, metrópoles africanas como Lagos, Nairóbi e Acra apresentam novos dinamismos, com perspectivas positivas em termos de crescimento econômico, inserção e visibilidade na rede global de cidades. A identificação do crescimento de uma classe média africana, por exemplo, apesar das políticas gentrificadoras contraditórias e de endividamento que envolvem sua emergência, vem sendo apontada como um potencial para o crescimento econômico no continente, e para maiores perspectivas de interação de seus territórios com fenômenos globais. Estimulados por uma condição privilegiada em termos comerciais e financeiros, frente a outras cidades de suas respectivas regiões, estas cidades figuram, ainda, como lugares cosmopolitas, sendo grandes polos de atração de migrantes e refugiados.

Em consonância com um movimento global de mudança na forma de se pensar a cidade e seu papel no contexto globalizado, o cenário urbano africano é marcado por uma forte agenda modernizadora, de mercantilização e busca por maior competitividade e posicionamento global. O enfoque em espaços de atração de capital, na melhoria da imagem e da percepção internacional, e a ambição por ascender ao patamar daquelas

consideradas as principais cidades globais em termos socioeconômicos, políticos e culturais, é comum às condições atuais das principais cidades africanas.

Estas cidades vêm sendo objetos de novas estratégias sócio espaciais, consideradas essenciais a uma condição global privilegiada. Nas últimas décadas cresceu fortemente a agenda urbana do continente, e a atenção às cidades como ponto de inflexão importante pode ser percebida na convergência de projetos nas principais cidades africanas. Uma série de planos urbanos vem sendo desenvolvidos, modificando o território das cidades com base em um forte discurso de criação de espaços globais, condizentes com aqueles de cidades colocadas em patamares elevados de conexão a fluxos de oportunidade e atenção global.

Planos e esquemas de revitalização e reestruturação urbana são cada vez mais presentes nos projetos políticos e práticas governamentais de cidades do continente africano, sendo estimulados tanto em nível local quanto nacional. As cidades de Lagos, Nairóbi e Acra apresentam exemplos importantes destas novas agendas, contando com agendas intensas e a articulação de grandes projetos urbanos. Por meio dos planos de reestruturação e investimentos os governos encontram no espaço urbano uma oportunidade de apresentar seus melhores atributos à comunidade internacional, afirmando-se como grandes centros globais, cosmopolitas e plenamente integrados aos fluxos de bens, serviços e pessoas.

Como exemplos marcantes dos planos de ambição global dos principais centros urbanos africanos, estes projetos prevêem, ainda, a construção de uma série de “novas cidades”, anunciadas como a solução para desafios como o grande crescimento populacional e suas consequências urbanas, assim como às novas necessidades de inserção global das cidades. Planejadas para emergir nas bordas de algumas das principais metrópoles africanas, como as citadas anteriormente, as “novas cidades” são projetos vinculados a um forte discurso de modernidade, que prevê a construção de espaços marcados por oportunidades de negócios e maior conexão ao movimento globalizante.

Emergindo muitas vezes como espaços urbanos inteiramente novos, os projetos destas novas cidades encontram-se envoltos ainda em discursos que os apresentam e promovem como alternativas à realidade superpovoada e comumente precária das metrópoles africanas, com a provisão de serviços e infraestrutura de alta-qualidade, de caráter futurista e inovador. Dentre os principais projetos, destacamos o “Eko Atlantic”, na

costa da megacidade de Lagos, o “Tatu City”, ao norte de Nairóbi, e o “Hope City”, nos arredores de Acra.

O Eko Atlantic figura como o mais emblemático dos projetos vinculados ao chamado *Lagos Megacity Project*, uma iniciativa desenvolvida pelo atual governo da cidade de Lagos que envolve a articulação de projetos de infraestrutura e investimento rentáveis e abrangentes, e a busca por alavancar Lagos como um hub econômico global, elevando-a ao patamar das principais cidades globais do ocidente. Neste contexto, o Eko Atlantic vem sendo aclamado e promovido internacionalmente como uma cidade do futuro, espaço de conexão global e favorável aos moldes globalizados de interesse financeiro e de modernidade (EKO ATLANTIC, s.d).

Assim como o projeto nigeriano, o Tatu City, nos arredores da capital queniana, encontra-se vinculado a um plano urbano mais amplo, o *Nairobi Metro 2030 Strategy*, que visa transformar a cidade de Nairóbi em uma metrópole de caráter mundial no que diz respeito a oportunidades de trabalho, moradia, negócios e governança. Dentre alguns de seus principais projetos, destaca-se o estímulo a uma economia internacionalmente competitiva, desenvolvimento de infraestrutura de caráter mundial, promoção e “branding” da cidade de e sua região metropolitana. O “Tatu City” é apresentado como um novo modelo de planejamento urbano e desenvolvimento africano, um lugar futurista desenhado para atrair investidores e promover o desenvolvimento econômico e social no país (TATU CITY, s.d.).

A “Hope City”, por sua vez, visa transformar Acra em um hub tecnológico e de comunicação africano, promovendo o desenvolvimento sócio-cultural, turístico e oportunidades de investimento para investidores domésticos e estrangeiros (KWAME, 2013). O projeto também vem vinculado a um plano político nacional do governo de Gana, que visa garantir maior autonomia ao país nas áreas de Tecnologia da Informação e comunicações. Visa, ainda, transformar a cidade em pontos de referência e negócios no continente africano, contribuindo para atribuir ao país um papel mais ativo na economia global.

Desenvolvidos como uma marca, esses projetos expressam o caráter de mercantilização do espaço urbano, e seu empresariamento em termos globais, em um esforço de conexão e integração de forma mais competitiva e intensificada ao mercado, suas demandas e fluxos globais. São anunciados como grandes oportunidades de inserção

internacional das cidades às quais estão associadas, e ainda de projeção do contexto nacional como um todo.

Na contrapartida destes dinamismos, as forças centrífugas da globalização e localização, que promovem a fragmentação espacial e polarização social nas cidades, são intensificadas nas cidades africanas. A inserção destas cidades em esquemas de competitividade global tem também sua face predatória, criando ciclos especulativos e dinâmicas gentrificadoras, com fronteiras de despossessão que vem acompanhadas por grandes quadros de exceção, fomentados por agendas de segurança e ordem nos territórios urbanos.

Estas forças fragmentadoras são intensificadas nas cidades africanas quando articuladas, ainda, com dinâmicas segregadoras herdadas de seu passado colonial. As cidades africanas figuram como “formas híbridas” (RAO, 2012, p. 572), que expressam a formação de novas formas de acumulação e suas intensidades, mas ainda reproduzem ideologicamente uma estrutura metropolitana colonial, com seus polos e divisões sócio espaciais.

No contexto globalizado, a segregação colonial baseada em questões raciais, tornada ilegal com a independência das antigas colônias africanas, não é extinta, mas é suplementada pela segregação em termos de atratividade de capital. Assim, as classes privilegiadas e de conexão global, anteriormente isoladas do restante da população em bairros de elite, estabelecidos e favorecidos por leis coloniais, encontram-se cada vez mais isoladas em enclaves de modernidade contemporâneos, protegidos por barreiras constituídas de acordo com a capacidade de retorno em esquemas globais, centralizando poder e investimento.

Do lado oposto dos grandes projetos de reestruturação que caminham para um ideal de conexão e ascensão ao patamar de cidade global, formam-se, portanto, territórios cada vez mais marginais e periféricos, literal e figurativamente. Exemplos destas contradições, os projetos de reestruturação que prometem maior inserção global se dão muitas vezes com base na remoção de áreas de favelas e de estabelecimentos informais. Estes projetos acentuam a fragmentação sócio espacial urbana e as contradições da expansão do capitalismo em seu momento globalizado, estimulando a desigualdade econômica, conflitos e violência urbana, assim como movimentos de resistência e tensão crítica por parte das parcelas mais afetadas.

## Conclusão

A organização e o sentido atribuídos ao espaço são entendidos como produto deliberado da transladação, da transformação e da experiência sociais. Na contemporaneidade, a configuração dos espaços encontra-se em relação direta à conformação de realidades propícias ao capital em uma nova fase de acumulação flexível, e de adaptação de suas condições de existência em termos globais. É um processo de apropriação e adaptação do espaço ao capital, aqui tratado como o fenômeno de “produção capitalista do espaço”, que se expressa também na face fragmentadora e polarizante da globalização.

Conforme observado nos casos de Lagos, Nairóbi e Acra, o espaço das principais cidades africanas vem sendo mobilizado por uma agenda de reestruturação urbana intensa, e pela demonstração de uma forte ambição por ganhar presença global. Este fato reflete uma relação direta com os fenômenos de reestruturação espaciais urbanos no contexto capitalista globalizado, tanto em suas dinâmicas de materialização e conexão global, quanto por suas dinâmicas excludentes. Ao olharmos para a realidade urbana das cidades africanas apresentadas nos deparamos, portanto, com a manifestação singular das contradições da conformação do espaço capitalista global. Elas incluem, por um lado, a concentração de atividades especializadas de alto nível de conexão internacional. De outro, a reformulação e aumento das dinâmicas de pobreza e exclusão social nas cidades, com divisões espaciais cada vez mais marcantes entre estas duas realidades.

É inegável que as principais metrópoles africanas figuram como grandes centros políticos, econômicos e culturais tanto locais quanto regionais, servindo como importantes nódulos de conexão e interação global, ainda que seja questionável seu enquadramento no patamar de “cidades globais”. Inseridas em um contexto de Sul Global como exemplo emblemático da mudança no caráter das cidades no mundo globalizado, as cidades africanas expressam a ampla dinâmica de apropriação e mercantilização dos espaços urbanos contemporâneos, assim como da adequação em suas formas de produção e gestão espacial.

A execução e sucesso dos projetos de inserção global em cidades africanas como Lagos, Nairóbi e Acra, reafirmam e posicionam as cidades promotoras como centros de conexão regional. Seus projetos de transporte, de revitalização, remoção ou reconstrução de áreas de comércio informal, assim como as iniciativas de construção de infraestrutura,

com base em discursos diretamente voltados aos interesses do capital, respondem às principais tendências de modernização e inserção em um modelo de cidade funcional e adaptada aos desafios urbanos contemporâneos. Alimentando uma imagem positiva e expondo ao mundo a capacidade de articulação de processos e fluxos globais, os projetos em si são considerados, ainda, oportunidades de atração de investidores internacionais e de promoção da região de seu entorno.

Ao observar o cenário urbano africano a partir do referencial das cidades mencionadas, vemos que a busca por papéis globais de maior relevância e competitividade internacional faz da noção de “cidade global” mais que um mero elemento discursivo. A “cidade global” também já não é mais apenas uma condição atribuída a determinados centros urbanos, associada única e exclusivamente às dinâmicas urbanas ocidentais. Sua noção se converte em um projeto político considerado necessário à superação de problemas das cidades africanas, assim como uma forma de ascensão na hierarquia global de cidades, que define aqueles espaços mais capazes de responder às novas demandas do capitalismo globalizado e reformula suas dinâmicas sócio espaciais polarizantes.

Assim, em sua ambição global, algumas das principais cidades africanas respondem aos novos dinamismos da globalização por meio de projetos que se constituem simultaneamente como dinâmicas de oportunidade e exclusão. Sem se conformar como os extremos de gênese ou apocalipse urbanos a ela associados por algumas perspectivas de análise, as dinâmicas em curso em seu território são o retrato da dialética sócio espacial capitalista. Seus espaços se tornam, portanto, instrumentos políticos de grande importância. Configuram-se como produtores e produtos de relações sociais capitalistas, dotados de uma ideologia e de esferas de poder voltados à sua conformação como espaços mais propícios às dinâmicas de produção e reprodução do capital, agora em sua fase global.

## Referências

- BRENNER, N.; THEODORE, N. Cities and the Geographic of "Actually Existing Neoliberalism". **Antipode**, 2002. 349-379.
- CARVALHO, M. Cidade Global: anotações críticas sobre um conceito. **São Paulo em Perspectiva**, 2000.
- DAVIS, M. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- DAWSON, A.; EDWARDS, H. Global Cities of the South. **Social Text**, 2004.
- EKO ATLANTIC. **Site do projeto Eko Atlantic**, s.d. Disponível em: <<http://www.ekoatlantic.com/>> Acesso em 12 Fevereiro 2013.
- GILL, S. The Constitution of Global Capitalism. **The Global Site**, 2000. Disponível em: <<http://www.theglobalsite.ac.uk/>>. Acesso em: 14 Maio 2013.
- HALL, P. **The World Cities**. New York: Saint Martin's Press, 1984.
- HAMILTON, W. M. **Global Cities of the South: Mexico City and Johannesburg in an Era of Globalization**. University of Stellenbosch: Cape Town, 2006.
- HARVEY, D. **Spaces of Hope**. Los Angeles: University of California Press, 2000.
- KWAME. Ghana's Technology City - Africa's Hope For The 21st Century. **Ghana Today**. Disponível em: <<http://www.ghanatoday.com/news/social-news/item/1277-ghana/1277-ghana?start=20>> Acesso em 23/07/2013.
- MARCUSE, P.; KEMPEN, R. V. **Globalizing Cities: A New Spatial Order?** Lexington: Blackwell Publishing, 2010.
- MURRAY, M. J.; MYERS, G. A. Situating Contemporary Cities in Africa. In: MURRAY, M. J.; MYERS, G. A. **Cities in Contemporary Africa**. 1a. ed. [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2006.
- RAO, V. Slum as Theory: Mega-Cities and Urban Models. In: CRYSLER, C.; CAIRNS, S.; HEYNEN, H. **The SAGE handbook of architectural theory**. Londres: SAGE Publications Ltd., 2012.
- SHATKIN, G. 'Fourth World' Cities in the Global Economy: The Case of Phnom Penh, Cambodia. **International Journal of Urban and Regional Research**, 1998. 378-393.
- SÁNCHEZ, F. et al. Produção de Sentido e Produção de Espaço: convergências discursivas nos grandes projetos urbanos. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, Julho-Dezembro 2004.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Os processos da Globalização. Disponível em <<http://www.eurozine.com/articles/2002-08-22-santos-pt.html>>. Eurozine, 2008.

SASSEN, S. *The Global City: New York, London, Toquio*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SASSEN, S. **Cities In a World Economy**. London: Pine Forge Press, 2000.

SASSEN, S. *The Global City: Strategic Site/New Frontier*. **American Studies**, Summer/Fall 2000a. 79-95.

SASSEN, S. *Global Cities and Diasporic Networks: Microsites in Global Civil Society*. **Global Civil Society 2002**, 19 Junho 2002. 217-238.

SASSEN, S. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

TATU CITY. **Site do projeto Tatu City**, s.d. Disponível em: <<http://www.tatucity.com/>> Acesso em 09/04/2013.

WALKER, R. **International Relations Theory Today**. Polity Press, 1995.

Recebido em: Janeiro 2014;

Aprovado em: Abril 2014.